

EFETIVIDADE DA DANÇA DO VENTRE NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DE UMA DEFICIENTE VISUAL

EFFECTIVENESS OF BELLY DANCE IN CONSTRUCTION BODY IMAGE OF VISUALLY IMPAIRED

Rosana Bernardi Elias¹

Andréia Salvador Baptista²

¹ Licenciada em História e Especialista em Dança e Consciência Corporal pela FMU

² Fisioterapeuta Doutora em Ciências da Saúde pela UNIFESP e Docente da Faculdade de Peruíbe

RESUMO

A ausência ou limitação da visão impede que o indivíduo tenha uma vida mais plena e atuante em virtude do desinteresse em suas necessidades sociais, afetivas e psicomotoras dificultando assim, a criação de um ambiente realmente inclusivo. A construção da imagem corporal passa por este aspecto palpável, mas também auditivo e até mesmo olfativo. Estimular essas percepções faz-se necessário para que o deficiente visual consiga relacionar-se com o próprio corpo e assim, desenvolver sua imagem corporal. A dança do ventre é milenar, oriunda de tradições espirituais, seu enfoque está nos movimentos do quadril variando de tremidos rítmicos a ondulações e sinuosidades que também têm efeito positivo no condicionamento físico, cardiorrespiratório e conscientização corporal. **Objetivo:** Avaliar a efetividade da dança do ventre na construção da imagem corporal, em particular a percepção do quadril, de uma deficiente visual. **Material e Método:** Este estudo foi realizado no Centro de Pós-graduação e Pesquisa- UNIFMU-CENTRO UNIVERSITÁRIO, sendo um estudo de caso com uma cega congênita de 25 anos que pratica esta modalidade de dança há um ano junto com alunas videntes. Foram utilizados para avaliação o questionário de qualidade de vida *Medical Outcome Survey Short Form (SF-36)*, *Image Marking Procedure* e testes específicos desenvolvidos para o estudo para avaliar a imagem mental, percepção e sensação dos movimentos de dança no corpo da participante e no corpo da professora. **Resultados:** A participante estudada apresentou índice de mais que 75% para os domínios de capacidade funcional, limitação por aspectos físicos, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais e emocionais demonstrando uma boa qualidade de vida. Quanto à percepção do quadril se mostrou detalhada e precisa no que se refere a sua mobilidade, amplitude, coordenação, controle muscular e intensidade, sendo estimuladas pelo som das moedas do xale amarrado ao quadril. A avaliação da imagem corporal pelo *Image Marking Procedure* foi positiva tanto em relação à identificação das partes do corpo quanto para a compreensão do desenho da figura humana. **Conclusão:** Com este estudo pudemos concluir que a dança do ventre contribuiu para o desenvolvimento da imagem corporal da deficiente visual e também atuou positivamente na qualidade de vida. Portanto, abre-se caminho para que mais

estudos sejam realizados sobre a relação dança do ventre, imagem corporal e deficiência visual.

Palavras – chave: deficiência visual, dança do ventre, imagem corporal

ABSTRACT

Introduction: *The absence or limitation of vision prevents the individual from having a more complete and active life due to the lack of interest in his social, emotional and psychomotor needs, making it difficult to create an inclusive environment indeed. Visual impairment proposes a new relation with the world based on what is not seen, but it is elaborated, especially by the tactile/kinesthetic sensation. The body image building is part of this palpable aspect, but also hearing and even olfactory. Stimulating these perceptions is necessary so that, the visually impaired can deal with himself and develop his body image. Bellydance is an ancient dance originated from spiritual traditions related to woman and earth's fertility and because of that the major part of its moves is linked to the hips, varying from rhythmic shimmies to undulations and sinuosities which have positive effect on physical, cardiopulmonary conditioning and body consciousness.* **Objective:** *The aim of this case study was to evaluate the effectiveness of bellydance in the body image building, particularly, the perception of the hip, of a visually impaired. The results showed good life quality and self – esteem, demonstrated comprehension of the body parts, through the drawing of the human picture and short displacements.* **Methods:** *This study of case was held at UNIFMU – CENTRO UNIVERSITÁRIO, post- graduation and research center with a 25 – year old born blind woman who has been practicing this dance style for a year with other non- visually impaired students. Questionnaire of life quality (SF-36), Image Marking Procedure and specific tests developed by the author involving the mental image description and dance movements sensations in the body of the visually impaired participant and in the body of the teacher were used.* **Results and Discussion:** *The participant presented rates superior to 75% for functional capacity, limitation for physical aspects, general status of health, vitality, emotional and social aspects. As for hip perception, it was detailed and precise looking at its mobility, amplitude, coordination, muscle control and intensity, this last one was stimulated by the sound of the scarf coins tied up in the hip.* **Conclusion:** *It was concluded by the results of this study that bellydance contributed to develop the visually impaired body image and was also positive to the improvement of life quality. Therefore, it opens the way to more studies relating bellydance, body image and visual impairment.*

Key words: visual impairment, bellydance, body image

INTRODUÇÃO

A capacidade de ver é, sem dúvida, dentre os cinco sentidos desenvolvidos pelo homem, responsável por grande parte da captação das informações que tornam possível a estruturação da relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo (GRANZOTO, 2003).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde cerca de 285 milhões de pessoas apresentam deficiência visual das quais, 39 milhões são cegas e 246 milhões têm baixa visão (*World Health Organization*, 2011). A ausência ou limitação da visão impede que o indivíduo tenha uma vida mais plena e atuante em virtude do desinteresse em suas necessidades sociais, afetivas e psicomotoras dificultando assim, a criação de um ambiente realmente inclusivo (DIEHL, 2007).

A deficiência visual propõe uma nova relação com o mundo baseada naquilo que não se vê, mas é elaborado sobretudo pela sensação tátil/cinestésica (SOUSA, 2009). A construção da imagem corporal passa por este aspecto palpável, mas também auditivo e até mesmo olfativo. Estimular essas percepções faz-se necessário para que o deficiente visual consiga relacionar-se com o próprio corpo e assim, desenvolver sua imagem corporal (NASÁRIO, 2011).

De acordo com a classificação internacional de doenças (CID-10), a função visual compreende: visão normal, moderada/ grave, consideradas subnormal ou baixa visão e cegueira. (WHO, 2014) Num indivíduo com visão normal, a acuidade visual é de 20/20. Já num indivíduo com visão subnormal, a acuidade alcança 6/60. A cegueira caracteriza-se por acuidade visual de 20/200 com pouquíssima ou nenhuma percepção de luz. (ICD-10, 2015).

A visão é parte importante dos sentidos e da construção da imagem corporal. A imagem corporal é um conceito particular do próprio corpo com base no esquema corporal, a representação interna do corpo advinda das informações cinestésicas, e na percepção corporal que envolve pensamentos, sentimentos e experiências vividas (ROSA NETO, 2009). Trata-se de um processo dinâmico de construção de identidade forte e mutuamente influenciado pelo meio social e estilo de vida do indivíduo (GONÇALVES, 2012; BARROS, 2005).

Para o deficiente visual, a noção do corpo e sua imagem são elaboradas a partir das sensações táteis, auditivas, olfativas e cinestésicas (ALVES, 2008), dentre as quais, destaca-se a tátil como a mais importante para a construção de imagens pelo cego, limitada, entretanto, pelo alcance das mãos (BIANCHINI, 2011). Por outro lado, a audição, particularmente o reconhecimento da própria voz, atua na concretude da existência do indivíduo cego ou de visão subnormal pois, o som preenche o espaço corporal interno e externo além de, oferecer noções de perto e longe (ALVES, 2008; MILES, 1998).

Deficientes visuais, contudo, não apresentam um padrão de percepção do ambiente, ao contrário, através de perspectivas próprias contemplam diferentes formas de ler o mundo já que, participam ativamente neste processo de reconhecimento e significação da realidade que os cerca (MORAES, 2009; GÂNDARA, 1994).

De acordo com estudo realizado por Perez (2013), deficientes visuais que experimentaram a dança foram beneficiados em seus aspectos motores e ampliação da noção espacial o que contribui para autonomia do corpo. Além disso, observou-se maior interação social, fortalecendo laços emocionais melhorando assim, a qualidade de vida.

A dança está presente no cotidiano das sociedades humanas desde tempos imemoriais. Pinturas rupestres do período Mesolítico mostram figuras de homens executando movimentos associados à dança. A dança do ventre tem suas origens no período Neolítico, 6.500 A.C, início das sociedades agrícolas, em rituais de fertilidade. Estatuetas de terracota reproduzindo formas

exageradas de mulheres foram encontradas na região do Oriente Médio, Anatólia, Grécia sugerindo a importância da fecundidade da mulher e da terra para a sobrevivência dos grupos humanos.

A dança do ventre é milenar, oriunda de tradições espirituais relacionadas à fertilidade da mulher e da terra e por conta disso, tem a maior parte de seus movimentos ligada ao quadril variando de tremidos rítmicos a ondulações e sinuosidades que também têm efeito positivo no condicionamento físico e cardiorrespiratório. Além disso, desperta a sensualidade e feminilidade estimulando dessa forma, a construção de uma autoimagem saudável tanto do ponto de vista físico, quanto mental e espiritual (BAPTISTA, 2012).

A literatura mostra que a dança, independentemente da modalidade, contribui para aceitação da imagem corporal e melhora da consciência corporal (BAPTISTA, 2012). Além disso, desenvolve boa postura, coordenação motora, beneficia os relacionamentos interpessoais e a qualidade de vida (PASSARINHO, 2013).

De acordo com estudos realizados por Abrão e Pedrão (2005) a prática da dança do ventre diminui as dores menstruais, pressão sanguínea, ansiedade, timidez, aumenta o nível de serotonina e estreita os laços de afeto proporcionando bem-estar físico e mental da mulher com melhora de sua autoimagem. Mulheres com fibromialgia tiveram suas dores amenizadas e elevaram a autoestima após frequentarem aulas dessa modalidade de dança (BAPTISTA, 2012). A dança do ventre também se mostrou eficaz na reabilitação de pacientes com câncer no tocante à melhora da qualidade e satisfação com a vida (SZALAI, 2014).

A dança, por sua vez, que é das mais antigas expressões da humanidade, constitui-se num recurso interessante para explorar no deficiente visual esses outros saberes do sistema sensório-motor que contribuem para a consciência e imagem corporal. Pensar a dança como atividade democrática de educação do corpo, como uma verdadeira alfabetização nesta linguagem oferece ao homem, acima de tudo, a possibilidade de perceber-se e refletir sobre si mesmo (LARA, 1998).

Com base nestas informações o presente estudo de caso tem por objetivo avaliar como a dança do ventre pode influenciar na construção da imagem corporal de uma deficiente visual completa congênita em particular, a percepção do quadril.

OBJETIVO

Avaliar a efetividade da dança do ventre na construção da imagem corporal, em particular a percepção do quadril, de uma deficiente visual

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um estudo de caso com uma mulher cega congênita de 25 anos que nunca havia feito atividade física, mas que, há um ano passou a frequentar aulas de dança do ventre uma

vez por semana junto com alunas videntes. As aulas foram ministradas por uma professora de dança, fisioterapeuta, especialista em atividade adaptada com enfoque em deficiência visual.

Para a avaliação, foram coletados dados pessoais: nome, idade, IMC (índice de massa corporal), peso, altura, profissão e tipo de deficiência visual. Foi aplicado questionário sobre qualidade de vida, *Medical Outcome Survey Short Form (SF-36)*, formado por 36 perguntas agrupadas em 8 campos abrangendo aspectos mentais, sociais e emocionais que compõem a qualidade de vida numa escala que varia de 0 (condição ruim de saúde) a 100 (boa condição de saúde).

A participante submeteu-se ainda ao *Image Marking Procedure (IMP)*, teste de identificação do esquema corporal, no qual lhe foi pedido que desenhasse a figura humana e apontasse em si mesma as regiões do corpo. Para avaliação da sua movimentação no espaço foram solicitados pequenos deslocamentos para diagonal, frente, trás e lateral.

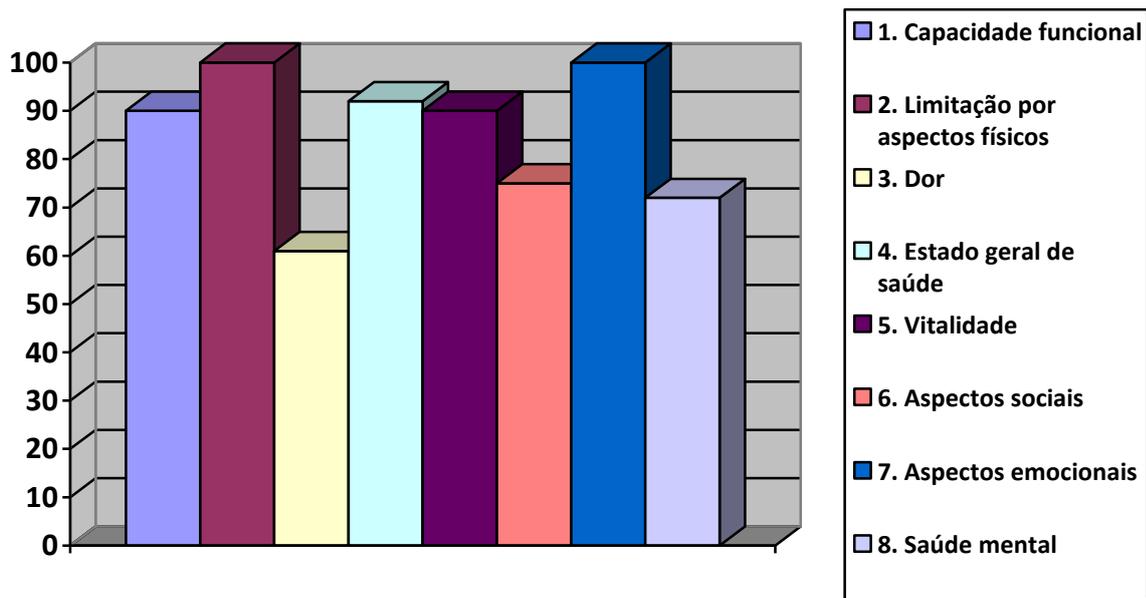
Também foi aplicado na deficiente visual um teste específico de conhecimento e consciência de movimentos da dança do ventre, desenvolvido pela autora. O teste consistiu na reprodução e identificação por parte da aluna de nove movimentos de quadril típicos desta modalidade de dança: oito para frente, oito para trás, oito para baixo, oito para cima, redondo, 4 pontos, camelo, marcado e tremido. Inicialmente, a deficiente executou e identificou os movimentos em si mesma associando-os a imagens mentais e sensações corporais. Num segundo momento, os mesmos movimentos foram repetidos pela professora, sem que a aluna soubesse a ordem, para que, através do toque no quadril, ela pudesse reconhecê-los e novamente associá-los a imagens e sensações.

Ao final dos testes, a participante executou os movimentos solicitados na ordem que quis. Os testes foram filmados e fotografados mediante a autorização da participante através da assinatura dos termos de consentimento livre esclarecido e uso de imagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da qualidade de vida foi feita a partir das respostas do questionário SF-36, onde apresentou valores altos ou próximos a 100 em quase todos os domínios conforme demonstrado na gráfico 1 abaixo:

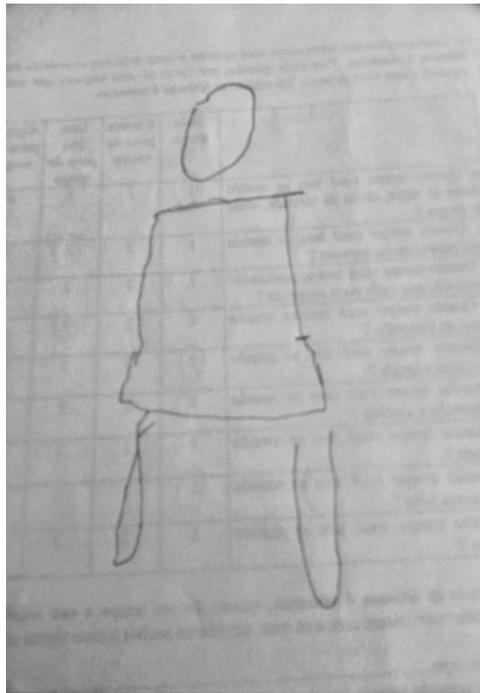
Gráfico 2-Dados dos domínios obtidos pelo questionário SF-36



Resultados do questionário SF-36= Short Form 36

A avaliação da imagem corporal pelo *Image Marking Procedure* foi positivo tanto em relação à identificação das partes do corpo quanto para a compreensão do desenho da figura humana seguiu figura 1.

Figura 1: Desenho da figura humana (Teste do desenho da figura humana)



Para avaliação da percepção do deslocamento do corpo no espaço obtivemos resposta positiva para todas direções: frente, trás, lateral e diagonal.

Quanto aos movimentos de quadril no próprio corpo, a participante reconheceu e executou todos, à exceção do oito para cima pois, o confundiu com o oito para baixo. As imagens mentais descritas pela participante foram associadas aos nomes dos movimentos: desenho do número oito para todos os movimentos de oito, círculo para o movimento redondo, quadrado para o movimento 4 pontos e onda para o movimento camelo.

Para avaliação da percepção do deslocamento do corpo no espaço obtivemos resposta positiva para todas direções: frente, trás, lateral e diagonal.

Quanto aos movimentos de quadril no próprio corpo, a participante reconheceu e executou todos, à exceção do oito para cima pois, o confundiu com o oito para baixo. As imagens mentais descritas pela participante foram associadas aos nomes dos movimentos: desenho do número oito para todos os movimentos de oito, círculo para o movimento redondo, quadrado para o movimento 4 pontos e onda para o movimento camelo.

O movimento marcado não lhe trouxe nenhuma imagem em especial, apenas relatou ser esse uma ligação para o movimento tremido que foi associado à vibração do corpo.

As sensações corporais relatadas pela participante foram de controle e coordenação do lado esquerdo do quadril para o movimento do oito para frente. Para os demais movimentos de oito a sensação foi descrita como boa. O movimento redondo produziu sensação de deslocamento e controle do quadril. O movimento 4 pontos produziu sensação de controle das direções do quadril. O movimento marcado exigiu mais esforço e contração de glúteo e abdome. A sensação do

movimento tremido foi associada ao som produzido pelas moedas do xale amarrado ao quadril, foi o movimento que a participante relatou ser o mais próximo de ser executado como o da professora por conta do estímulo sonoro apresentado na tabela 1.

Tabela 1 -Movimentos de quadril no próprio corpo

	Sim	Não	Qual imagem ou figura mental?	Qual sensação produz o movimento?
Oito para frente	X		Desenho do 8	Maior controle e coordenação do lado esquerdo do quadril
Oito para trás	X		Desenho do 8	Boa
Oito para baixo	X		Desenho do 8	Boa
Oito para cima		X	Desenho do 8	Boa
Redondo	X		Círculo	Deslocamento e controle para movimentar só o quadril
4 pontos	X		Quadrado	Controle das direções do quadril
Camelo	X		Onda	Deslocamento e coordenação
Marcado	X		Não houve associação. Movimento de ligação	Exige mais esforço. Contração de glúteo e abdome
Tremido	X		Corpo tremendo	Som das moedas parecido com o da professora.

Para os movimentos de quadril executados pela professora, a participante reconheceu todos, à exceção do oito para cima pois, novamente, o confundiu com o oito para baixo. As imagens mentais foram, mais uma vez, associadas aos nomes dos movimentos: desenho do número oito para os movimentos de oito, círculo para o movimento redondo, quadrado para o movimento 4 pontos e onda para o movimento camelo .

Nos movimentos marcado e tremido, a participante manteve as descrições de quando os executou no próprio corpo. As sensações corporais se mostraram praticamente iguais às anteriores, variando para maior entendimento do movimento quando percebido em outro corpo. O movimento do tremido novamente foi compreendido através do estímulo sonoro apresentado na tabela 2.

Tabela 2 – Identificação dos movimentos em outro corpo

	Sim	Não	Qual imagem ou figura mental?	Qual sensação produz o movimento?
Oito para frente	X		Desenho do 8	Percepção dos lados do quadril
Oito para trás	X		Desenho do 8	Deslocamento do quadril
Oito para baixo	X		Desenho do 8	Mais fácil entender no quadril da professora.
Oito para cima		X	Desenho do 8	Mais fácil entender no quadril da professora.
Redondo	X		Círculo	Deslocamento do quadril em círculo.
4 pontos	X		Quadrado	Controle do movimento.
Camelo	X		Onda	Consegue reproduzi-lo como a professora.
Marcado	X		Não houve associação. Movimento de ligação.	Percebe no corpo da professora maior controle de quadril e glúteo.
Tremido	X		Corpo tremendo.	Associa intensidade ao som das moedas

Este é o primeiro estudo sobre dança do ventre, imagem corporal e deficiência visual que abre caminho para novas pesquisas relacionadas à construção da imagem corporal deste público por meio da dança.

Esta modalidade de dança, que estimula a feminilidade e autoestima da mulher, tem seus primórdios no período Neolítico em rituais de fertilidade com destaque para movimentos ritmados e sinuosos da pelve. A partir desta referência corporal de exploração da região do quadril, resolvemos aplicar a dança do ventre a fim de estudar o conhecimento do corpo numa pessoa com deficiência visual (PORTINARI, 1999).

A dança do ventre propõe uma experiência com o feminino que perpassa a construção histórica e cultural da mulher, trazendo a possibilidade de construção de uma corporeidade fortemente impregnada e entrelaçada pelos aspectos inumanos presentes na música árabe conforme observado por Vieira (2011). Tendo em vista essa relação intrínseca na qual o corpo traduz as

nuances e minúcias da musicalidade oriental, a participante demonstrou perceber de forma bastante apurada o quadril no tocante a seus lados, deslocamento, amplitude, coordenação, controle muscular (VIEIRA, 2011).

A deficiente visual expressou maior entendimento de alguns movimentos através do toque no corpo da professora, o que corrobora a ideia sobre a preponderância do tato como meio utilizado pelo deficiente visual para compor a imagem corporal (ALVES, 2008). A experiência tátil também foi destacada por Bianchini em seu método de ensino de ballet para deficientes visuais no processo de identificação e exploração dos movimentos no corpo (BIANCHINI, 2011).

A sensação causada na deficiente visual pelos movimentos de dança do ventre variou de uma simples palavra abstrata “boa”, até a explicação precisa e detalhada da mobilidade do quadril demonstrando que este foi um recurso indispensável para o deficiente visual aprender a desenvolver a percepção do próprio corpo.

Estudos realizados sobre a imagem corporal em deficientes visuais revelam que há a tendência de apresentá-la disforme e distorcida por conta da falta não só do estímulo visual como também do estímulo proveniente das relações interpessoais estabelecidas (ALVES, 2008; GERENTE, 2008) Porém, Rosa Neto (2009) estudou a imagem corporal em adolescentes com deficiência visual e observou, através do *Image Marking Procedure* adaptado para modelagem em argila, que os indivíduos sem visão obtiveram melhor pontuação do que os videntes em relação aos segmentos corporais e praticamente iguais em relação a simetria corporal. Novamente, destaca-se o uso do repertório tátil para dar concretude neste caso ao corpo.

Percebeu-se que dança do ventre ao trabalhar a dissociação corporal com ênfase na cintura pélvica também possibilitou à participante organizar os segmentos corporais apresentando noções de simetria entre eles conforme demonstrado pelo seu desenho da figura humana e pela descrição dos movimentos de quadril por meio do toque. Esta percepção corporal se mostrou ainda mais evidente quando a participante dançou e focalizou claramente os movimentos de quadril conseguindo separá-los da cintura escapular.

No seu estudo sobre imagens táteis distais em sonhos de pessoas cegas precoces, Kastrup (2013) observou que a construção das imagens passa pelo aspecto multissensorial, especialmente o tato, com elementos presentes no discursos de videntes.

No que se refere ao teste específico para dança do ventre deste estudo, a participante relatou, tanto no seu quadril quanto no quadril da professora, figuras mentais concretas e geométricas, todas ligadas aos nomes dos movimentos propostos: círculo, quadrado, oito, onda. Os desenhos descritos reforçam a ideia do recurso tátil para a elaboração dessas imagens junto com informações trazidas pelos videntes.

Estudos realizados para avaliar a percepção auditiva em cegos demonstraram que não houve

desenvolvimento significativo da habilidade de identificar as notas musicais quando comparado com indivíduos videntes (BEZERRA, 2010) e cegos congênitos apresentaram dificuldade de localizar estímulos sonoros com tendência a mover o corpo em bloco em virtude de uma imagem corporal distorcida (GERENTE, 2008).

Entretanto, os resultados obtidos neste estudo confrontam as pesquisas acima mencionadas com respeito à percepção auditiva pois, o estudo da dança possibilitou que a deficiente visual associa-se o movimento do tremido ao som produzido pelo xale de moedas amarrado junto à cintura, característico das aulas de dança do ventre, no que se refere à intensidade e velocidade de seu quadril enquanto executava este movimento. Além disso, ela soube identificar quando a professora realizava o movimento através da mesma referência sonora. De maneira que, o estímulo sonoro mostrou-se relevante para o desenvolvimento da percepção do quadril da deficiente visual.

Também importante foi o resultado para os deslocamentos em diferentes direções realizados exitosamente pela participante. Bianchini (2011) em seu método de ballet para deficientes visuais também demonstra que a dança possibilitou melhora na mobilidade e locomoção das alunas.

A participante se deslocou no espaço para frente, para trás, para os lados e diagonal sem qualquer outro recurso a não ser o comando de voz da professora. A boa percepção espacial aqui observada vai ao encontro dos estudos sobre os benefícios da dança para o deficiente visual no que diz respeito a ampliação da noção de espaço (PEREZ, 2013).

Em seu estudo sobre corpo e cognição em deficientes visuais, Moraes (2009) demonstrou que a cegueira é influenciada pelas individualidades não sendo, dessa forma, um dado natural totalmente incapacitante. Os sujeitos lidam com sua limitação de maneira particular estabelecendo assim, novas possibilidades de relacionar-se com o mundo. Analisando os dados do questionário SF-36 pudemos perceber que, para a participante do presente estudo, a ausência da visão não interfere negativamente na qualidade de vida sobretudo, quando se observa a pontuação máxima para os domínios limitação por aspectos físicos e aspectos emocionais.

Ao dançar usando os movimentos propostos de dança do ventre aleatoriamente, a deficiente visual demonstrou que esta dança não só a ensinou a descrever imagens e sensações de quadril mas, lhe possibilitou apropriar-se do próprio quadril transformando-o num quadril dançante, libertando-se das amarras físicas e sociais impostas a alguém com limitação ou ausência de visão (FUX, 1998; FIGUEIREDO, 2007; CAZÉ, 2008).

Apesar dos resultados positivos obtidos nesta pesquisa sobre a dança do ventre para a percepção da imagem corporal de uma deficiente visual, algumas limitações se fizeram presentes, a saber: o estudo foi realizado com apenas uma pessoa, análise dos dados que se deu após um ano da prática da dança do ventre não pôde ser comparada com dados iniciais de quando a participante iniciou as aulas de dança, não foram encontrados na literatura instrumentos de avaliação específicos

para avaliar a imagem corporal em deficientes visuais relacionados à dança do ventre. A dança do ventre possibilitou à participante perceber detalhadamente seu corpo e ressignificar a própria cegueira que não se apresenta como um obstáculo intransponível para sua relação consigo mesma e com o ambiente. Portanto, a prática desta dança é um recurso importante para a construção da imagem corporal do deficiente visual.

CONCLUSÃO

Com este estudo pudemos concluir que a dança do ventre contribuiu para o desenvolvimento da imagem corporal da deficiente visual e também atuou positivamente na qualidade de vida. Portanto, abre-se caminho para que mais estudos sejam realizados sobre a relação dança do ventre, imagem corporal e deficiência visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAO, Ana Carla Peto; PEDRAO, Luiz Jorge. A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que frequentam uma academia de ginástica e dança. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 243-248, abr. 2005.

AIRES, Margarida de Melo. *Fisiologia*. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Imagem corporal e deficiência visual: um estudo bibliográfico das relações entre a cegueira e o desenvolvimento da imagem corporal DOI: 10.4025/actascihumansoc. v30i2. 1936. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 30, n. 2, p. 147-154, 2008.

BAPTISTA, Andréia Salvador et al. Effectiveness of dance in patients with fibromyalgia: A randomised, single-blind, controlled study. *Clin Exp Rheumatol* 2012 Nov-Dec;30 (6 Suppl 74):18-23, 2012.

BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 547-554, ago. 2005.

BEZERRA, Paloma Cavalcanti. Avaliação da Percepção de Notas Musicais em Adultos Cegos. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BIANCHINI, Fernanda Coneglian. Ballet Clássico para Deficientes Visuais: Método Fernanda Bianchini. 2011. Dissertação (Mestrado em Distúrbio do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BOURCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

CAZÉ, Clotildes Maria de Jesus Oliveira; OLIVEIRA, Adriana da Silva. Dança além da visão: possibilidades do corpo cego. *Pensar a Prática*, v. 11, n. 3, p. 293, dez. 2008.

DA SILVA, A.. A arte da dança do ventre: multiplicando os sentidos da delicadeza. *Revista de*

Psicologia da UNESP, América do Norte, 2012.

DE FIGUEIREDO, Valéria M.C.; TAVARES, Maria da Consolação G.C.F.; VENÂNCIO, Silvana. Olhar para o corpo que dança – Um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual. Movimento (ESEF/UFRGS), Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 65-73, out. 2007.

DIEHL, Rosilene Moraes; PEIXOTO, Paulo. E. F. Imagem Corporal: corporeidade da pessoa com deficiência visual. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2007, Pernambuco. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/255/pdf>>. Acesso em: 17 jul.2015.

FUX, Maria. Dançaterapia. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GÂNDARA, Maria. A expressão corporal do deficiente visual: “coreografando o cotidiano”. 2 ed. Brasília: MEC, 1994.

GERENTE, Juliana Gonçalves da Silva; PASCOAL, Augusto Gil; PEREIRA, Maria Leonor Moniz. Localização especial de estímulos sonoros em indivíduos cegos congênitos: estudo comparativo da posição tridimensional da cabeça em adultos cegos congênitos e indivíduos videntes. Rev. Bras. Educ. Espec., Marília, v. 14, n. 1, p. 111-120, Abr 2008.

GONCALVES, Carolina de Oliveira; CAMPANA, Angela Nogueira.; TAVARES, Maria da Consolação. Influência da atividade física na imagem corporal: Uma revisão bibliográfica. Motri., Vila Real, v. 8, n. 2, 2012.

GRANZOTO, José Aparecido et al. Avaliação da acuidade visual em escolares da 1ª série do ensino fundamental. Arq. Bras. Oftalmol. São Paulo, v. 66, n. 2, p. 167-171, 2003.

KASTRUP, Virginia. “Será que cegos sonham?”: o caso das imagens táteis distais. Psicol. estud., Maringá, v. 18, n. 3, p. 431-440, Sept. 2013.

LARA, Larissa Michelle. A dança em construção: das origens ao método Paulo Freire. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd11/danca1.htm># Acesso em: 24 jun. 2015.

PASSARINHO, Cristina; LIBERALI, Rafaela. Influência da dança para a melhoria da qualidade de vida no aspecto motivacional e físico – revisão sistemática. Repertório, Salvador, n 21, p.209-216,2013.2

Disponível

em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/12100/8643>> Acesso em: 24 abr. 2015.

MILES, B. Hablar el lenguaje de las manos hacia las manos. National Information Clearinghouse on Children who are Deaf-Blind, DB-Link, 1998

MORAES, Márcia; CARDOSO-MANSO, Carolina; LIMA-MONTEIRO, Ana Cláudia. Afetar e ser afetado: corpo e cognição entre deficientes visuais. Univ. Psychol., Bogotá, v. 8, n. 3, Sept. 2009.

NASÁRIO, Júlio César; ERNEST, Taynah Naiami. “Imagem Corporal e a Deficiência Visual: A Educação Física na Compreensão do Corpo.” *Revista on-line de divulgação científica da*

UNIDAVI (2011): 229.

PEREZ, Sizara da Silva; SELLE, Jéssica Kurschener; ROSSO, Juliana Torres de; SPERB, Pauline Martins; PEREIRA, Josefa Lídia Costa. Inserção do Deficiente Visual na Dança. VIII Encontro da Associação Brasileira de pesquisadores em Educação Especial. Londrina, 2013. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT01-2013/AT01-073.pdf>>. Acesso em 26 Mai. 2015.

PORTINARI, Maribel. História da Dança. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ROSA NETO, Armindo. Imagem Corporal, Esquema Corporal e Destreza Manual em Adolescentes Deficientes Visuais. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.

SILVA, Marissa Romano da et al . Visual impavidamente, rehabilitation and International Classification of Functioning, Disability and Health. *Rev. bras.oftalmol.*, Rio de Janeiro, v. 73, n. 5, p. 291-301, Oct. 2014.

SOUSA, Joana Belarmino de. O que percebemos quando não vemos? *Fractal, Rev. Psicol.* Rio de Janeiro, v.21, n.1, p.179-184, Apr. 2009.

SZALAI, Márta et al. A clinical study to assess the efficacy of belly dancing as a tool for rehabilitation in female patients with malignancies. *Eur J Oncol Nurs*; 19(1): 60-5, 2015 Feb .